



INTRODUÇÃO

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, que afirma o direito das crianças à educação e a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, a educação de bebês e crianças pequenas em espaços de vida coletiva na creche vem exigindo de profissionais, gestores e pesquisadores a tarefa contínua de reflexão que contribua para romper com concepções e práticas sustentadas no modelo sanitarista e assistencialista ou no modelo escolar instrucional e preparatório. A força da herança histórica desses dois modelos de atenção à infância no país fragiliza a unidade da Educação infantil ao manter a creche em um lugar de invisibilidade no sistema educacional brasileiro.

Enfrentar esse desafio histórico em um país de dimensões continentais como o Brasil, com significativas diferenças regionais e culturais aliadas à elevada desigualdade social, exige reunir esforços em torno de um projeto educativo comprometido com a integralidade da existência do bebê e da criança pequena como um todo indissociável em suas interações lúdicas com adultos e outras crianças, suas especificidades e necessidades. Em outras palavras, um projeto educativo que traduza em ações político-pedagógicas a radical singularidade de cada bebê e criança pequena aprender a partilhar a experiência temporal – intergeracional – de coexistir no mundo.

A tarefa social e cultural de projetar e realizar a primeira etapa da Educação Básica no Brasil implica não apenas participar do campo de disputas da política educacional (definição de recursos financeiros, diretrizes, programas e ações), mas também considerar a relevância de promover ações de colaboração entre educação, saúde, proteção social, assistência e cultura. No cotidiano da Educação Infantil, efetivar a articulação colaborativa dos vários campos da atenção à infância diz respeito ao modo político de favorecer ações educativas que reafirmam o compromisso com o atendimento integral à criança em complementaridade à família. Essa compreensão não supõe uma relação harmônica, linear, tranquilamente dada pelo discurso que a formula. Pelo contrário, é uma articulação marcada por tensões e contradições que exige negociações entre as demandas das diversas organizações da sociedade brasileira contemporânea. Demandas que, colocadas ao lado das potencialidades e necessidades dos bebês e das crianças pequenas, assim como das expectativas das famílias em

sua diversidade, apontam para a afirmação de perfis plurais das creches e não modelos homogêneos. O desafio maior está justamente em não propor a adoção de uma única forma educacional para a creche, mas a constituição pública e dialogada dessa instituição. Para tanto, torna-se relevante para a educação das crianças de zero a três anos favorecer interlocuções entre as necessidades e desejos de diferentes grupos sociais, familiares e profissionais técnico-científicos, a formação dos docentes nas universidades e o redimensionamento das concepções e práticas realizadas nas creches, num diálogo permanente e plural.

Nesse diálogo, a pesquisa desempenha importante função pública ao contribuir com reflexões, interrogações e sistematizações de conhecimentos nos processos de negociação das necessidades e prioridades a serem consideradas no campo da educação de zero a três anos. A ausência de debates acadêmicos e políticos das características da creche como instituição educacional – seus objetivos, modos de funcionamento e relações com o sistema escolar – fragiliza no tecido social sua constituição como espaço de educação e cuidado em vida coletiva.

A foto selecionada para capa desta edição evidencia a importância de observarmos as intenções de conhecer das crianças pequenas, nela podemos observar um grupo de crianças que numa expedição investigativa pelo pátio da escola se encanta com um formigueiro que se formou na calçada, as crianças identificam o formigueiro, se aproximam e passam observar a dinâmica das formigas. Este fato registrado¹, nos mostra o quanto as crianças são curiosas e atentas ao que lhes cerca e enquanto adultos devemos escutá-las nas suas iniciativas autônomas de conhecer.

Esta coletânea oferece aos leitores um conjunto de dez artigos com diferentes enfoques que contribuem para a ampliação e a difusão de estudos e pesquisas que têm fomentado interações entre adultos, bebês e crianças pequenas, assim como entre bebês e crianças pequenas na creche, constituindo-se um núcleo de reflexões em torno da necessidade de investigar e estudar abordagens teórico-metodológicas que garantam a educação integral das crianças, ou seja, a constituição de uma escola da infância para e com os bebês e crianças pequenas.

Ao organizarmos essa Edição Especial Temática da **Revista Eventos Pedagógicos** tivemos a grata oportunidade de conversarmos com a professora Maria Carmen Silveira

¹ Essa foto foi capturada num momento de observação das crianças numa Escola de Educação Infantil de Sinop e faz parte do acervo do projeto de pesquisa “As interações entre adultos e crianças nos espaços e tempos da Escola de Educação Infantil: Reflexões pedagógicas sobre escuta, cuidado e educação”. Coordenado pela pesquisadora Dra. Irene Carrillo Romero Beber.

Barbosa, a Lica, uma das pesquisadoras brasileiras amplamente reconhecida por seus estudos e debates em torno da educação de bebês e crianças pequenas na creche. Sua trajetória profissional se confunde com o percurso e a consolidação de muitas das conquistas para esta primeira etapa da Educação Básica nos últimos 15 anos no Brasil. Ao conversarmos com a Lica nos aproximamos de um momento histórico e intelectual de luta em nosso país pela visibilidade dos bebês e das crianças pequenas tanto na pesquisa educacional quanto nas políticas públicas voltadas para o compromisso com a educação integral na creche e na pré-escola.

Os textos que compõem a coletânea dessa Edição Especial apresentam abordagens teórico-metodológicas que revelam a diversidade desafiadora da instituição creche nos dias atuais. Todos os autores estabelecem uma interlocução muito grande com a pesquisadora Maria Carmen Silveira Barbosa ou por terem sido seus orientandos ou porque, de um modo ou de outro, participam ou participaram de seu percurso teórico-metodológico em diferentes projetos de pesquisa. A professora Ana Lúcia Goulart de Faria, ao discorrer na apresentação dessa edição sobre a **A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS EM ESPAÇOS COLETIVOS: o desafio de dar visibilidades aos bebês e às crianças pequenas**, destaca a importância da presença e das produções da pesquisadora no campo de estudos da educação da infância, sua orientanda de doutorado, evidenciando suas contribuições para a área.

Marta Quintanilha Gomes abre as discussões com o texto **SOBRE DOCÊNCIA E SER PROFESSORA DE BEBÊS** para tratar os dilemas éticos, estéticos e políticos de ser professora de bebês. O artigo discute a necessidade de compreender a docência na creche vinculada às suas marcas históricas, mas, principalmente, à necessária criação de novos sentidos conferidos à instituição creche e ao trabalho de professoras com os bebês. A autora destaca o lugar profissional na educação infantil e busca, a partir daí, pensar aproximações e distanciamentos ao que temos instituído como docência e o que o contexto desta etapa da educação básica nos impõe pensar.

Na sequência, Gardia Maria Vargas e Irene Carrillo Romero Beber abordam **OS DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE PESQUISAR COM OS BEBÊS E AS CRIANÇAS PEQUENAS** para se deterem nas interações entre pesquisadores e as crianças e destacarem que ‘estar’ com elas implica numa atitude de escuta, uma presença sensível e disponível ao outro que envolve olhares, gestos, toques e emoções. As autoras sinalizam a necessidade de refletir as concepções de acolhimento e interação numa perspectiva ampliada para além da comunicação oral, constituindo-se numa intercorporeidade que se dá no plano dos afetos.

No terceiro artigo, **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o desafio de compreender o desenvolvimento integral das crianças na constituição de uma “Rede de Significações”**, Jaqueline Pasuch e Andréia Modanese abordam as práticas pedagógicas na Educação Infantil para sublinharem o desafio de compreender a educação integral das crianças a partir da constituição de uma ‘Rede de Significações’. As autoras propõem discutir alguns fios que se entrelaçam na configuração de uma ‘Rede de Significações – RedSig’ para problematizarem práticas pedagógicas nas quais, para além da dicotomia entre os princípios educar/cuidar, as ações educativas privilegiam tempos rotineiros que contemplam as necessidades adultas em detrimento da centralidade da criança ao apontarem a falta de investimentos para a superação da perspectiva assistencialista na creche.

Solange Estanislau dos Santos e Ana Lúcia Goulart de Faria, em **O QUE QUER DIZER EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA NA CRECHE PARA AS CRIANÇAS DE 0-3 ANOS? ENTRE O ADULTOCENTRISMO E A DESCOLONIZAÇÃO**, discutem a creche como espaço de emancipação humana e de construção de epistemologias e experiências descolonizadoras. Para as autoras pensar uma educação emancipatória desde o nascimento pressupõe desconstruir várias concepções que percorrem o imaginário e a práxis educativa das instituições brasileiras e que, por muito tempo, invisibilizaram as crianças pequenas e os bebês. Segundo elas, é preciso colocar de ponta cabeça os modos de imaginar e conceber as crianças pequenininhas e os espaços educativos com elas para trazer as especificidades, as multiplicidades e as possibilidades desses sujeitos históricos e concretos que produzem culturas infantis e resistem à colonização, a opressão e a subordinação da sociedade adultocêntrica.

Franca Zuccoli e Agnese Infantino, em **A ARTE COMO FERRAMENTA DE EXPLORAÇÃO E CONHECIMENTO**, trazem para o debate a arte na creche ao explicitarem as raras oportunidades de encontro com a arte oferecidas para as crianças pequenininhas, seja no interior das creches seja fora dela. As autoras chamam atenção para a ideia dominante de ser a arte muito complexa para ser proposta de modo significativo para as crianças, como se a mediação da linguagem verbal fosse imprescindível. Está implícita aí a ideia de um conhecimento transmitido no qual o adulto opta por conteúdos e instrumentos que fragmentam e simplificam experiências de aprendizagem e possibilidades de descoberta. As autoras exploram criticamente esta tendência simplificadora de saberes na creche para afirmarem a ideia de uma criança autônoma, exploradora do mundo também através das linguagens artísticas.

No sexto artigo, **OS BEBÊS NOS CORREDORES DA CRECHE: num espaço entre espaços, explorações e acolhimento**, Carolina Gobbato e Maria Carmen Silveira Barbosa apresentam reflexões em torno dos diferentes contextos de vida na creche para problematizarem a convivência com e entre bebês ao apontarem a necessidade de ampliação dos espaços de interações entre os bebês e deles com os adultos envolvidos diretamente no cuidado e educação. Sugerem a ampliação da sala como único espaço de convivência e aprendizagem dos bebês, no entanto destacam o cuidado com a segurança e o bem estar dos bebês e, portanto, toda ação com eles deve ser amplamente planejada.

Em **ABRACADABRA: o encontro de bebês e crianças pequenas com música**, Dulcimarta Lemos Lino propõe a aproximação dos professores com os bebês e as crianças pequenas com a potência da narratividade sonora infantil. Ao compreender que as crianças são música e experimentam as materialidades sonoras do mundo numa vetorialidade de sentidos e significados, a autora persegue a poética do barulhar na infância a partir da ação indeterminada e imprevisível de brincar com sons. Nessa experiência, as crianças corporificam o território do discurso sonoro, afirmando seu poder de resistência aos espaços da dinâmica institucional, mobilizando a colonização do cardápio sonoro escolar, a imaginação criadora e o exercício de escuta.

No oitavo artigo, **COMEÇAR-SE NO MUNDO: entre infâncias e linguagem**, Simone Berle e Sandra Regina Simonis Richter afirmam a radical alteridade linguageira entre bebês, crianças pequenas e adultos ao tematizarem a educação das infâncias desde a experiência da linguagem como momento de intensas aprendizagens nos modos de conviver. As autoras problematizam a concepção de aprendizagem da linguagem como produto da representação de um mundo constituído a partir das polarizações metafísicas entre sujeito e objeto, entre razão e imaginação. Para tanto, as autoras sustentam a compreensão do termo linguagem como processo interpretativo de composição de sentidos e de infância como experiência transcendental da linguagem, no qual a interação entre adultos e crianças emerge da alteridade nos modos de conviver no mundo compartilhado em linguagem.

No nono artigo, **A PERSPECTIVA DE CRIANÇAS SOBRE A CRECHE**, Silvia Helena Vieira Cruz e Rosimeire Costa de Andrade Cruz discutem a organização da vida coletiva na creche na perspectiva das crianças. O texto destaca a importância da creche discutir entre seus pares a participação das crianças. O estudo busca inovar metodologias de pesquisa que busquem ouvir as crianças bem pequenas. As discussões tecidas no texto indicam a necessidade em compreender o protagonismo da criança, bem como acatar seus modos de participar, o que implica um movimento ativo do adulto para que a criança possa

participar, rompendo com uma cultura autocêntrica, reposicionando o lugar do adulto como alguém que dirige os processos para que igualmente acolha a participação da criança.

Altino José Martins Filho encerra a coletânea de artigos com o texto: **A VIDA COTIDIANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: da ação reflexiva às minúcias da prática educativa**. O autor apresenta resultados de um estudo que teve como objetivo analisar as diferentes minúcias da vida cotidiana no exercício da docência, destacando os elementos constituidores dos afazeres de uma professora. O texto aborda interfaces interdisciplinares como forma de compreender a docência no decurso da vida cotidiana na creche. A principal contribuição situa-se na compreensão de que a ação reflexiva em torno das diferentes minúcias da vida cotidiana, no que tange os afazeres da docência, possibilita entender a complexidade da própria vida no coletivo da instituição educativa. O artigo evidencia também que as minúcias, entendidas pela professora pesquisada como atividades educacional-pedagógicas relacionadas ao princípio de cuidado e educação, são dimensões norteadoras da especificidade da docência na educação infantil e para tanto requerem atenção e intencionalidade.

O conjunto de temáticas que compõe esta edição especial é um convite a problematizar os cenários educativos das infâncias contemporâneas com o intuito de provocar os leitores para refletirem as múltiplas dimensões que envolvem o acolhimento dos bebês e das crianças pequenas na Educação Básica. Essas dimensões foram problematizadas a partir de diferentes matrizes teóricas, marcando como característica dos estudos e pesquisas na área da educação de zero a três anos a necessária interlocução entre distintos saberes e conhecimentos.

Os bebês e as crianças pequenas desafiam várias ciências assim como outras fontes de ideias e experiências. Cada uma oferece contribuições fundamentais, mas sempre parciais. As muitas e distintas percepções e afirmações colhidas em cada campo de ação permitem alcançar uma visão abrangente do bebê e da criança pequena, mas a vida que neles pulsa excede nossas possibilidades de conhecimento. O humano é sempre singular, único, imprevisível e, por isso, permanece na ordem do mistério.

A educação infantil como primeira etapa da Educação Básica brasileira trouxe, para os âmbitos político, administrativo e teórico, outro modo de conceber e perceber os bebês e as crianças pequenas a partir da especificidade dos cuidados requerida para sua educação na instituição pública da creche. Talvez, esta seja a maior implicação decorrente da integração da educação infantil na Educação Básica brasileira.

Convidamos os leitores a participarem deste debate conosco!

Sandra Regina Simonis Richter
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Irene Carrillo Romero Beber
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Sinop, 30 de junho de 2015.